

Ad-memoriam recuperado dos arquivo da "Academia de Humanizacao de Cro-Magnon",  
em Cro-Magnon.

"Missao Homo Sapiens Sapiens"

Ecarregado da missao: O feiticeiro "Bisonte"

Membros da expedicao: dois mestres-cacadores, um mestre-fogo, um mestre-lascador de pedra, uma colecionadora, o arauto-de-caverna, (secretario permanente).

Material de pesquisa: dois silex para fogo, varias flechas, tres machados, cinco facas, seis cachorros.

Patrocinio: proveniente, sobretudo, da captura de dois ursos re-embolsaveis.

Proposito da expedicao: Pesquisa de outras especies humanas.

Itinerario: Pela Dordonha, travessando as geleiras do Massif Central, pelo Rodano e o lago de Genebra, pela tundra pre-alpina ao lago de Constanca, pelo Reno ate os grandes pantanos, travessando as geleiras dos Ardenos ate a grande tundra, pela Saone, travessando as geleiras do Massif Central, ate a Dordonha.

Relato: Os criterios para a identificacao do homem nos foram impostos pela Academia: postura ereta, maos pendentes, emissao de sons codificados, posse de instrumentos. Tais criterios restringiram severamente o campo das nossas pesquisas. Encontramos numerosos seres antropomorfos, sobretudo nebulosos e aquosos, que nao estudamos por escaparem aos criterios impostos. O unico grupo de seres que se enquadrou nos criterios foi encontrado no vale do Neander, nas vizinhanças do Reno. Restringimos nossas pesquisas a ele. Recomendamos a Academia que reveja seus criterios no interesse de ampliacao futura da pesquisa.

Outra dificuldade metodologica era a de distinguirmos entre a nossa propria especie e outras. A Academia nos forneceu criterios excessivamente estreitos para a definicao do genero humano, mas nao nos deu criterio algum para a definicao das especies humanas. Encontramos, no vale da Saone, grupo de gente cuja tecnica, religiao e articulacao eram tao rudimentares que nao conseguimos estabelecer contacto significativo. Decidimos nao obstante considerar tal grupo como fazendo parte da nossa propria especie, ja que alguns membros da expedicao sentiram atracao sexual por membros do grupo pesquisado. Sugerimos que a Academia tome em consideracao tal criterio de distincao entre especies humanas.

Antes de passarmos a descrever o grupo encontrado no vale do Neander, devemos alertar a Academia para um fato que pode problematizar o valor cientifico da nossa pesquisa. Segundo mito em vigor entre os neanderenses teriamos tido com eles encontros no passado remoto. Acreditam eles ter habitado pacificamente varios vales sub-glaciais, inclusive a propria Dordonha, e terem sido dela expulsos por nosso gente. Afirmam que somos seus "inimigos hereditarios. Se isto for um fato, nossas observacoes seriam coloridas por tal inimidade nossa subconciente. Recomendamos a Academia o controle do mito por excavacoes dirigidas

afim de encontrar eventuais restos dos antepassados dos neanderenses.

Tal mito facilitou, alias, o primeiro contacto entre os nossos dois grupos. Os neanderenses afirmam ter-nos "reconhecido". Para transmitir a Academia o impacto de tal afirmacao extraordinaria, descreveremos o primeiro encontro em detalhe:

Em perseguição de pequeno rebanho de renas penetramos garganta rochosa, quando verificamos ser ela barrada por muro de pedras e troncos. As renas pararam, assustadas, e deparamos, de pé sobre o muro, com quatro seres antropomorfos. Digo "antropomorfos", e não "humanos", porque nos teriam causado tais seres impressão bestial: suas cabeças pendiam. Como são menores que nós, tal inclinação da cabeça faz com que nós olhemos de baixo para cima, que nem cachorros. Mais tarde constatamos que tal postura da cabeça não significa nem submissão nem perfídia traçoira, mas que sua cabeça é maior e mais pesada que a nossa. Andam de cabeça inclinada, porque estão perdidos em pensamentos confusamente intrincados. E quando levantam a cabeça, seu rosto confirma a impressão de bestialidade. Sua frente é baixa, seus olhos assentam sobre arcos pesados, seu nariz é longo e largo, e não tem queixo. Parecem bichos.

No entanto, quando trocamos os primeiros olhares por cima do rebanho de renas, produziu-se o evento extraordinário do qual falamos: Reconheciam-nos. Como se estivessemos surgido do seu passado lúgubro, que nem pais longamente perdidos, mas sempre esperados. Não que nós tivéssemos reconhecido enquanto homens. Causamos neles impressão animalésca, com nossas pequenas cabeças bamboleantes, nossos braços excessivamente compridos, nossa falta de nariz, nosso corpo informe. Não nos reconheceram enquanto homens, mas enquanto antepassados sub-humanos. Em tal reconhecimento acreditamos termos diagnosticado determinada hipótese, na qual ainda falaremos.

A primeira troca de olhares era, para nós, experiência abaladora. Não conseguimos explicá-la. Foi como se estivessemos encarando um tipo de "espírito" que nos era estranho, e, no entanto, acessível. Tal experiência abaladora persistiu durante o nosso contacto, e é responsável pelas divergências que surgiram em nosso grupo. A Academia deve examinar o aspecto epistemológico deste problema.

Ficamos dezesseis dias em companhia dos neanderenses. Relato pormenorizado dos resultados se acha anexo. O que caracterizou nossa convivência foi ausência de sexualidade recíproca. A maioria entre nós perdeu a primeira impressão de animalidade, e conseguiu estabelecer relações de amizade e inimizade com os neanderenses. Alguns dos nossos jamais deixaram de vivenciá-los enquanto bichos. Mas a falta de atração sexual fez com que todas as nossas relações tenham sido comparáveis às relações que mantemos com cachorros. Foi esta a razão porque decidimos considerar os neanderenses como pertencendo a espécie diferente da nossa.

No entanto, a comparação com cachorros é falha, por termos estabelecido comunicação simbólica com eles. Primeiro graças a gestos das mãos e de dança. Suas mãos são expressivas e elegantes. Cedo aprenderam o significado de muitas das nossas palavras, e procuraram imitá-las, sem o terem conseguido. Balbuciavam como recém-nascidos. Quanto a nós, jamais conseguimos decifrar o seu cantarolar complicado, mas suspeitamos de tratar-se de código primitivo, o qual no entanto é capaz de futuro desenvolvimento que pode vir a ultrapassar a eficiência comunicadora da nossa própria língua. A Academia encontrará, em anexo, as notas detalhadas que

fizemos de tal "cantos". Isto lhe permitira, nao o deciframento do codigo, mas a analize de sua estrutura. Finalmente concordamos em recorrer, na nossa comunicacao, a tambores. Tal mediacao se revelou metalinguagem altamente eficiente. Transmissora nao apenas de pensamentos relativamente complexos, mas igualmente de imperativos e de sentimentos. Estabeleceu-se dialogo muito significativo.

A cultura dos neanderenses e primitiva. Seus desenhos sao infantis e nao sao coloridos. Suas esculpturas sao mal acabadas, por ser sua tecnica de lascas rudimentar e ineficiente. Anexamos lista dos seus instrumentos de pedra, de madeira, e de peles. Nao e impressionante. Mas sugerimos que seu nivel tecnico, embora subdesenvolvido, parece conter elementos para futuro desenvolvimento de tecnicas alternativas. Quanto a sua musica, o caso e outro. Anexamos notacoes das suas composicoes polifonicas, para permitir a Academia analise mais aprofundada desse fenomeno cultural para nos impenetravel no curso da pesquisa.

Quanto a religiosidade, nao constatamos a divisao em macho e femea, (uranico e chthonico), a qual nos parece ser essencial para a experiencia do sacro. Nem constatamos nos neanderenses capacidade de descobrir o sacro em animais, e o totem lhes parece ser inacessivel. Mas nao se conclua que sao seres insensiveis ao sacro. Adoram seus filhos, e enterram ritualmente criancas prematuramente mortas. Alias, a morte para eles nao e castigo, mas evento absurdo. Isto explicaria seu subdesenvolvimento magico: nao percebem a retribuicao como estrutura do universo. A Academia deve analisar se tal religiosidade truncada e sintoma de brutalidade, ou, pelo contrario, de tendencia rumo a outro tipo de religiosidade,

Separamo-nos com a promessa de voltar para renovar o contacto. O diretor da expedicao nao acha valida tal promessa. Cre que todo contacto com tais animais ameaçaria fazer com que "degeneremos". Cre ele, alias, que nossa superioridade tecnica e fisica nos impoe o sacro dever de estudarmos o grupo, afim de podermos elimina-lo mais eficientemente do nosso caminho rumo ao futuro. A maioria da expedicao discorda. A Academia julgara quais das duas atitudes deve ser seguida.

Conclusao da minoria: Os neanderenses sao um ramo do genero humano que representa um beco sem saida na evolucao rumo a humanizacao, e deve ser eliminado no interesse do desenvolvimento, que e o proposito da nobre Academia.

Conclusao da maioria: A hipotese sustentada pelos neanderenses e que sao especie descendente da nossa. Sua primitividade nao seria a de animais, mas a de criancas. "Humanizacao" para eles seria desenvolvimento paralelo e cooperativo entre a sua especie e a nossa. A maioria sugere que tal hipotese seja examinada pela Academia.

Assinado:

- O feiticeiro-bufalo, (diretor)
- O contador de mitos, (secretario)